

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE ABRIL DE 1910

N.º 270

A viagem de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia



Sua Magestade em Madrid, sahindo da estação do Norte

Archiva o Brasil-Portugal nas suas paginas mais um instantaneo da augusta Senhora, que acaba de visitar dois paizes estrangeiros, ambos prodigos em dispensar-lhe manifestações de toda a sympathia, provas de respeitosa estima.

Sua Magestade, que já se acha entre nós desde o dia 2 do corrente, teve occasião de receber durante a sua estada em Biarritz e a sua visita a Madrid as mais penhorantes deferencias tanto da parte do rei Eduardo VII como da familia real e da cõrte hespanhola, deferencias que não podem deixar de reflectir-se no nosso paiz.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Bem disse o meu jettatore! Uma falsa entrada de Primavera. Estamos outra vez no inverno. Chuva, vento, frio, humidade. Abriu substituto de Janeiro. Não ha quem mate um malvado. Não valeria a pena matal-o. Considerações amargas sobre um jettatore. — O centenario do nascimento de Alexandre Herculano. — Morle do actor Alfredo de Carvalho. Um bom artista e um bom homem.

Como deve estar radiante aquelle maroto de oculos pretos, chapéu preto, barba ex-preta, que todo se regala em dar más novas á gente e todo se baba de goso quando vê correrem tortas as coisas



Tumulo de Alexandre Herculano no mosteiro dos Jeronymos

em desproeito do proximo! Como elle deve exultar, o maroto! Que feliz elle se deve sentir! Pois se elle adivinhou! Se elle previu a volta do inverno, que a Primavera havia de recuar ante a inclemencia do tempo!

Elle bem disse, elle bem disse, o malvado. Ainda viria chuva, ainda haveria muito frio, neblinas espessas de humidade a alagarem-nos até os ossos, ventanias cortantes, dias sombrios, infernaes, para quem soffre. Viriam ainda as insidiosas gripes, as pneumonias, morreria ainda muita gente d'aquelles males que se contrahem pelos rigores do inverno. Elle bem disse, o malvado, elle bem disse! Bandarra do azar, elle prophetizou tudo. Bemdito seja Deus e maldito seja elle!

Cã estamos outra vez no inverno, positivamente no inverno. O frio é intenso e constante, de manhã, de tarde, á noite. De vez em quando chove. As ruas empapam de lama. A humidade trespassa-nos. A ventania açoita-nos, desapiedada. Ha muita gente de cama com a cabeça ligada em compressas de agua sedativa, sinapismos por todo o corpo, ardendo em febre, deslizando-se a tossir, com a

bocca a saber ao chapéu d'aquelle malvado, sem paladar, sem olphato, sem appetite. A gripe tem dizimado a população, a pneumonia tambem.

Pois se elle o disse! Se elle o previu e disse! Se assim lhe apeteceu para flagello de nós todos e regalo da sua alma de chicharro! E ninguem o mata, áquelle maroto. Ninguem o entala, com uma denuncia ao Juizo de Instrução, de elle pertencer a associações secretas, de ser primo, tio ou o diabo que o carregue, de choça, cabana ou qualquer outra coisa, terrível ou comica — cóntanto que elle fosse parar a um calaçouço e por lá ficasse uns dois, uns tres mezes, para a gente respirar, sahir á rua sem primeiro benzer-se, sem receio de escorregar n'uma casca de laranja ou na peçonha que aquella bocca hedionda destilla!

Eu matava-o sem escrupulo, lá isso matava! Mas elle ainda ganhava com isso, e portanto não o mata. Com a mania que ha na nossa terra de canonisar todo o fiel patife pelo simples facto de elle nos ter deixado em paz passando d'esta para melhor, aquelle mariola trasladar-se-ia á historia em excellente pessoa, bonissimo cidadão, alma candida, coração de pomba... Eram capazes de o levar para os Jeronymos, os proprios que elle flagella. Isso é que eram. Até eu, só para ter a certeza, adquirida pelos meus proprios olhos, de elle ter ficado prensado sob um matacão marmoreo. Junqueiro dizia que um homem publico em Portugal só ficava inutilisado quando lhe passava por cima um cylindro de calçadas. E eu tenho a certeza de que se passasse um cylindro de calçadas por cima d'este malvado o que succederia seria cahir-lhe o chapéu, que elle levantaria todo lépido, dizendo amavelmente — muito amavelmente! — ás pessoas que se felicitassem por aquella festiva occorrenca:

— Não foi nada, não foi nada, não me magoei. O demonio foi o cylindro...

Todos olhariam para o lado e verficariam... que o cylindro se tinha partido.

Não tenham duvidas. Era assim mesmo!

Como disse na ultima chronica, o centenario de Alexandre Herculano não correspondeu nem á grandeza do escriptor e do homem nem á expectativa de quem vê n'estas commemorações mais que simples pretextos para sarrafuscas politicas ou valvula aberta á expansão da rhetorica nacional. A parte a sessão solemne da Academia Real das Sciencias, que revestiu o caracter de uma grandiosa solemnidade e constituiu uma verdadeira satisfação dada por esse instituto scientifico á memoria do seu glorioso socio, tudo o mais foi inferior.

Triste é confessal-o, mas nem o governo nem o paiz se associaram a essa commemoração. O primeiro pela mesmissima razão que o leva a alhear-se de muita coisa para cuidar, como todos os seus antecessores, da politiquice rasteira de campanario e regedoria; o segundo pela falta de educação civica que é a causa primacial das suas maiores desventuras.

O paiz não conhecia — nem ficou conhecendo — Alexandre Herculano. O grande escriptor, mercê dos generos de trabalho a que se dedicou e da sua feroz insociabilidade, não deixou entre as camadas inferiores rastro da sua luminosa passagem. E como não houvesse o indispensavel trabalho preparatorio para a commemoração do centenario do seu nascimento, o qual deveria consistir n'uma grande, intelligente e clara vulgarisação d'essa complexa individualidade, da sua obra, da sua acção, do seu inteiro caracter, é evidente que essa commemoração não interessou, não commoveu a opinião, resumindo-se portanto a uma festa de poucos, quando deveria assumir as proporções de uma glorificação nacional. E é tanto mais extranhavel a não participação do povo na festa, quanto é certo que do povo veio Herculano e no povo se manteve, recusando-se a aceitar um titulo e as altissimas veneras com que o grande rei e seu grande amigo D. Pedro V o quiz distinguir.

Emfim, da festa se pôde dizer o que a ama dizia ao prior, referindo-se ao jantar commemorativo de sua reverendissima: «sr. prior, foi o que se pode arranjar.» O centenario? Foi o que se pode arranjar. Mas, verdade, verdade, mais valera deixar em paz o pobre Herculano no seu eterno somno. Elle, coitado, tinha direito a isso. Tinha, tinha. Lembremo-nos que o historiador muito antes de deixar este mundo já dizia que isto dava vontade de morrer. Eu nem quero pensar no que elle diria agora se resuscitasse.

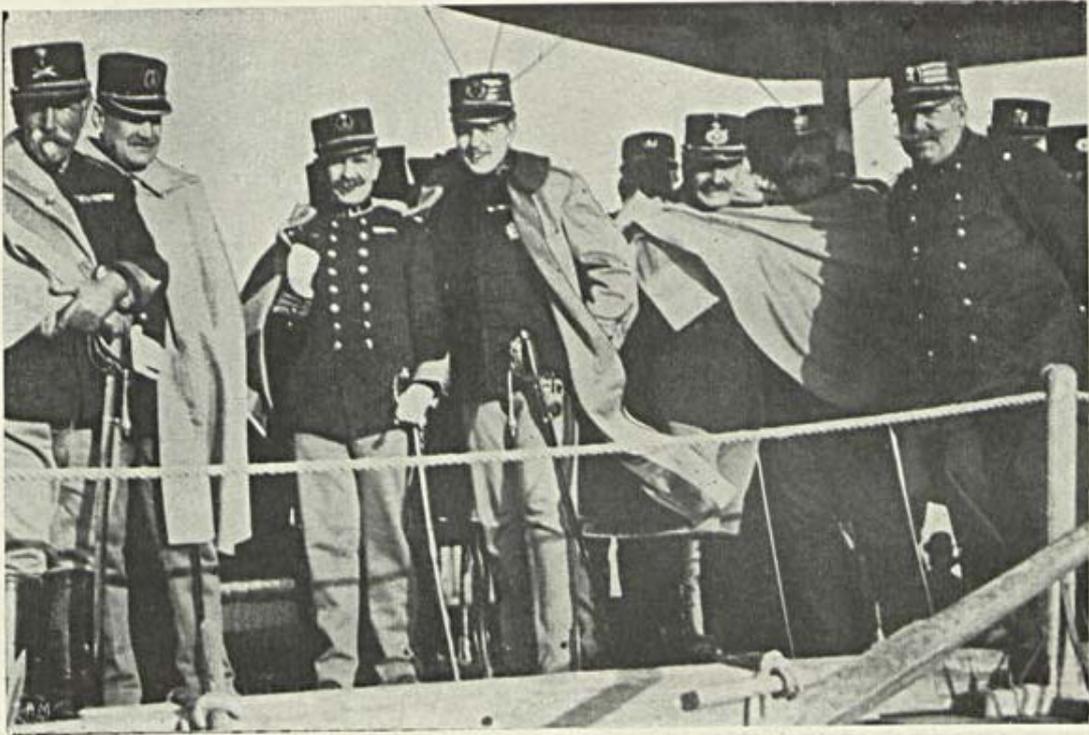
Valha-nos Nossa Senhora da Agrelle, que não ha santa como ella!

A morte prostrou repentina, inesperadamente, uma das figuras mais populares e sympathicas de Lisboa, o actor Alfredo de Carvalho.

Foi um artista de muito merecimento e um completo exemplar de homem de bem. Deixa, pois, saudades bem amargas em todos que o conheceram de perto e mesmo n'aquelles que simplesmente o conheciam do theatro. Tinha o condão da sympathia e inspirou-a sempre a toda a gente. Uma excellente creatura, simples e bondosa, e um dos espiritos mais vivos e engraçados que tenho conhecido. Nem a atroz doença que tanto o fez soffrer — uma laryngite — conseguiu alhear o seu bom humor. Fraco, macilento, aphono, apparecia sempre nos centros de cavaco, associando-se a todas as palestras com a bonhomia que era o traço dominante do seu caracter, esmaltando a conversação com a sua ingenua e esfusante graça.

Em theatro cultivou com exito extraordinario o genero *buffo*, no qual ninguem o excedeu. Foi, por isso, o artista mais popular das plateias de Lisboa e para todas ellas representou, com excepção da de D. Maria. Muitas peças lhe deveram exitos que os meritos proprios nunca lhes alcançariam. A sua collaboração verbal nas revistas d'anno acepilhava de uma imprevisita e estranha pilheria os dia-

Festa militar de "sport" no quartel de engenharia



Aspecto da tribuna real. — Ao centro o Senhor D. Manuel cobrindo com o seu capote o coronel Prego. A' direita o Príncipe D. Affonso

Representam as nossas gravuras alguns dos mais curiosos aspectos da interessante festa militar de sport que no dia 3 do corrente se realisou no quartel de engenharia com a assistencia de El-Rei e do Senhor D. Affonso, que assim continuam affirmando o carinho que lhes merecem as instituições militares, o desenvolvimento e a instrucção do soldado portuguez.

A festa constou de saltos em altura, saltos à vara, corridas de resistencia e de obstaculos, e de lucta de tracção, sendo este sem duvida o numero mais interessante do programma pois tomaram parte n'elle unidades de diversos regimentos, dispoendo-se a ganhar a taça ha dois annos offerecida pela Senhora D. Amelia.

Os vencedores foram os soldados de artilharia n.º 1 a quem o publico, que em grande numero assistia à festa, fez uma brilhante manifestação. Durante a sua estada no quartel de engenharia não perdeu El-Rei o ensejo de manifestar aos officiaes, sargentos e soldados o muito interesse que todos lhe merecem, captivando os assistentes pela conhecida affabilidade do seu trato.

logos mais frouxos e desageitados. Era um repentista, tendo ao seu serviço condições physicas muito especiaes. A mascara, especialmente era soberba. Conseguia effeitos de um burlesco inedito e irresistivel. Desanuviou muito espirito abatido com a sua inoffensiva graça. Para o povo e para as creanças foi um verdadeiro idolo. Riam com elle até às lagrimas, até à suffocação. E, cá fóra, em plena rua, quando o encontravam, muito sisudo, dentro do grande casacão e chupando o seu cigarro, riam ainda como se debaixo do sobretudo brilhassem as lantejoulas do fato espalhafatoso do rei da Gata borralheira ou a parrana sobrecasaca do Lucas do Tim-Tim.

Atravessou a vida por entre um coro de sympathias, de affectiva cordealidade. Viveu e viveu intensamente. Sentiu-se amado, bem amado, e soffreu. Soffreu muito, os lentos estragos de uma doença inexoravel, com uma nobreza, uma resignação que trahiam a sua linha distincta que nunca poudé disfarçar.

Subitamente, a uma meza de café, quando conversava com um amigo, a morte surpreheendeu-o. Foi um momento de agonia. Cahiú redondamente. O seu bondoso coração deixou de palpar; para sempre emmudeceu aquella bocca d'onde nunca sahiu uma palavra de agravo, d'onde a graça mais caracterisadamente portugueza e inoffensiva jorrou, durante tantos annos, para consolação de tantas almas attribuladas, para desfastio de tantos espiritos ingenuos...

CAMARA LIMA.

A curiosidade

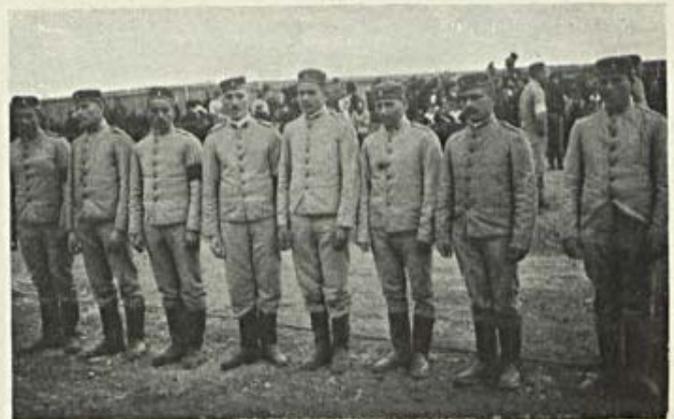
Um tudo nada de curiosidade, a tudo applicada, afigura-se me indispensavel, quando ella não revestir, é claro, fórmas repugnantes e atrevidas, como a de espreitar pelo buraco da fechadura, ou a da besbilhotice de soalheiro.

Às vezes no que se nos apresenta como simples diversão, recreio do espirito apenas, vamos colher, mesmo sem se dar por isso, lição proveitosa, mais ainda do que em muitas outras, em todo o tempo recebidas, com esforço e sacrificio. Não estava, decerto, no

primeiro caso o latim n'outro tempo aprendido, o qual, na opinão de conspicuo padre mestre, não devia entrar pela cabeça, mas pelas uñas. Referia-se n'estes termos, aquelle pobre de espirito, ao velho costume de levantar nas palmas das mãos dos estudantes cordilheiras de calor á força de palmatoadas e, assim, para o professor como para o dentista d'aquellas eras — geralmente não havia differença sensivel — não mais se exigia do que a força de pulso.

Nos dominios do util a curiosidade, póde affirmar-se rasgada-mente sem receio algum de contestação, torna-se imprescindivel; com ella vamos seguindo no trilho da vida sempre a augmentar o cabedal dos nossos conhecimentos.

Manifesta-se logo na mais tenra edade e deve ser cuidadosamente incitada e dirigida, ao contrario do que pela maior parte



Festa militar de «sport» no quartel de engenharia
A «equipe» de artilharia n.º 1 vencedora, pela segunda vez, da taça offerecida ha dois annos pela Rainha Senhora D. Amelia
(Clichés de A. C. Lima).

das vezes succede, pela situação embaraçosa em que os companheiros das creanças se vêem collocados em consequencia de perguntas d'estas, quando não sabem dar-lhes resposta, ou não estão para isso. E' difficil, bem se sabe, o dar a resposta conveniente a perguntas como: porque é que o sol aquece? a agua nos molha? etc, mas não lhes devemos nunca inculcar idéas falsas, porque d'este



Festa militar de «sport» no quartel de engenharia
O soldado de engenharia que ficou vencedor nos saltos à vau

modo vão ser desviadas do caminho da verdade, e, ainda, por um outro motivo bem ponderoso: a intelligencia desenvolve-se lhes, não raro, a ponto de, dentro de curto periodo, virem a comprehender que lhes tinhamos mentido e, n'este caso, com que auctoridade ficámos para ao preparar-lhes o character, lhes inspirarmos horror pela mentira?

E' o mesmo sentimento que as leva a dar cabo dos brinquedos, que lhes vão parar ás mãos — a mania de vêr por dentro, muito mais do que o espirito destruidor que varios educadores teem pretendido descobrir n'ellas.

O que para a creança é impulso natural, para o adulto deve tambem ser o resultado da reflexão, a qual o leva a saber ver, quando olha.

Em tudo se requer, porém, a justa medida. Compreende-se que por desfastio nos vamos entreter com assumptos, em que nem sombra de utilidade se lhes enxergue, com certas paciencias feitas com cartas; bem examinada comtudo esta especie, reconhece-se que ellas servem mais ou menos para dar ao espirito certa tensão. Algumas até ha, de que um bom mathematico não desdenha, e os principios a que se subordina encontram boas applicações.

O que, por todos os lados encarado só se possa considerar como puro divertimento tem o seu grau de util, porque sem este não se vive. A divertimentos consagram os governos, municipios, as diversas administrações, que em qualquer paiz podem existir, quantias sommas.

O colleccionador, que vae gastando o melhor do tempo a juntar determinados objectos, pelos quaes sente a febre de verdadeira paixão pôde ter conseguido uma utilidade só por elle apreciada, que a mais ninguem importe, se tal colleção — como varias existem — fór tambem futilidade.

Tratando-se de moedas, que documentam a historia; de conchas, de minerios, de madeiras, de artefactos — não são uteis apenas para um, mas tornam-se incentivo e assumpto para muitos estudos e, o que mais é, de muitas pessoas. Podemos até imaginar na materia sujeita uma escala, em que vá subindo o grau do util.

N'este ponto devo dizer, que é de necessidade impreterivel a organização de museus, não acanhados como os que possuímos, mas bastante amplos, de destinos differentes para augmentar a olhos vistos o que é de todos: o patrimonio que as gerações vão transmittindo ás subsequentes. E' a propria iniciativa individual a dar-lhes alentos de vida.

O curioso que levou a existencia a arranjar colleções, pelas quaes sente amor que vae além da morte, não deseja que sejam destruidas, ou dispersos os elementos constituintes, que tanto trabalho deram a obter durante tantos annos, lega-as a um museu e com esse legado lhes vincula o nome, o que é recompensa.

Uma pequena terra de provincia pôde assim adquirir notoriedade bastante para levar forasteiros a visita e aqui o util se nos apresenta por outra fórma.

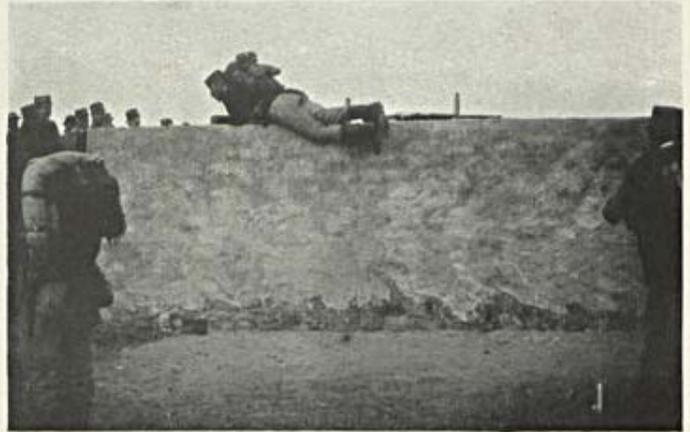
As praias do mar devem ter os seus museus da fauna e flora maritimas, prestando se sobretudo as algas, por-

que em conchas pouco possuímos, a exposição elegante pelo variegado das fórmas e os tons do colorido.

No que á ethnographia respeita, os trajos das diversas épocas — reproduzidos até, quando outro recurso não haja — são assumpto de capital importancia.

Das industrias, a começar pela ceramica, que em todas as eras tem existido, ninguem ha que desconheça a conveniencia da exposição retrospectiva e das que actualmente se exercem a necessidade urgente de fazer mostruários com todas as indicações relativas a preços, transportes e capacidade de produção.

Dos nossos castellos — tão pittorescos alguns d'elles! — das preciosas laçarias que se ostentam em muros, portas, janelas, mausoleus; dos quadros mais notaveis e de outras preciosas obras de



Festa militar de «sport» no quartel de engenharia
Corrida de obstaculos. O soldado n.º 31 da companhia de telegraphistas ganhando o primeiro premio

arte, devia haver mais ampla noticia, prestando se a photographia que vae sendo bem aproveitada como meio de vulgarisação nos bilhetes postaes, a dar-nos em maior escala paginas de albuns, nas quaes melhor possam ser apreciadas e devidamente comparadas essas bellezas.

A mania de levar para os grandes centros e de ahí reunir o que de bom vae apparecendo fóra, aceitavel n'alguns e bem poucos casos, toleravel n'outros não em maior numero que aquelles, deve ser condemnada na grande maioria. Não mais é do que um roubo o ir tirar aos outros o que por lá teem e de que fazem gala, acompanhada de aproveitamento quando esses bens provocam a ida de visitantes; só para salvar da ruina certa, do abandono, do esquecimento, é que se admite tal recurso, o qual só com bons motivos justificativos se deve empregar. Ha até o risco de chegarem os objectos a um museu que já se acha atulhado, serem arrumados n'um deposito, onde se vão perder de vista n'uma alluvião de objectos e d'alli a algum tempo, devido á incuria e á renovação do pessoal ficar totalmente ignorada a proveniencia e o que poderia ter singular valor como documento historico, á parte o merito artistico, soffrer consideravel depreciação.

O risco de ultrapassar os limites, a que me devo cingir, obriga-me a pôr ponto final, passando por alto, apesar de todo o interesse que despertam, muitos pontos de vista do thema, mal esboçado aqui, e que a largas explanações se presta. Falarei, apenas, visto tratar da curiosidade, n'uma anecdota, que bem curiosa me parece

Andava um amigo de Alexandre Herculano pela bibliotheca d'este entreterendo se a vêr livros e com grande surpresa deparou-



Festa militar de «sport» no quartel de engenharia
(Clube de A. C. Lima) Um aspecto da lucta de tracção

se-lhe a obra de Rosalino Candido, cujo titulo é: "*O mundo não se en-direita mas eu não largo o mundo*", e não pôde resistir ao desejo de interrogar o grande historiador ácerca das razões que o levaram a dar tal lugar a tal livro. Herculano respondeu com sorriso: "Em todos os livros tenho achado mais ou menos utilidade, excepto n'esse, que não presta para nada, e por isso o conservo!". Esse alto espirito enganava-se, todavia, o livro tinha realmente o merito que a curiosidade lhe dava e ha de dar sempre, porque as obras de Rosalino Candido são inconfundiveis. Herculano não desejava que o julgassem *homem de senso commum*, porque no seu entender *só a as-neira é que é commum*; ambicionava o ser reputado homem de bom senso. Por este novo prisma, encarado o assumpto, é possível, talvez o desfecharmos na conclusão de que Rosalino era *homem de senso commum*.

O bom do Rosalino em amavel e patusco convivio com as mu-sas, quiz declinar o nome, assim:

Faio, pégo, pegão, pequito.

Rosalino Candido de Sampaio e Brito.

Todas as gerações academicas nos ultimos trinta annos o co-nheceram, de guitarra em punho arremedava-o uma das persona-gens da trindade que entrou na apothese do *Auto da Sebesta*. Po-bre como Job. nunca acceitou esmolas, estava sempre a publicar folhetos e os estudantes para o proteger exgotavam-lhe as edições e d'esses parcos ceitis vivia arrastando vida miseravel com as suas longas barbas, capote no fio, de uma côr duvidosa, e o classico cha-péo, em que era impossivel descortinar a fórma primitiva.

Nos seus ultimos dias, alquebrado pela velhice e soffrimentos, farto de privações e á mingua de recursos foi para o hospital de S. José, onde teve uma das derradeiras alegrias ao reconhecer no director da enfermaria um dos velhos amigos. Gregorio Fernandes, extremamente bondoso, condoendo-se da triste situação, a que se via reduzido o pobre do velho, que passou a vida como litterato sem nunca o ter sido, arbitrou-lhe a melhor das dietas, mas o melhor da passagem é, que isto não se faz sem ficar o devido regis-tro na papeleta do doente e na casa respectiva a razão deter-minante. Por demais era conhecida a já bem notoria, ferocidade do enfermeiro mór (um excellente cavalheiro, aliás, quando se não tratava d'aquellas suas funções), mas Gregorio Fernandes, que ne-nhuma razão medicamente plausivel podia invocar, não hesitou, lançando com mão firme na papeleta este singular motivo — Rosa-lino Candido — e graças a esta extraordinaria sahida e ao facto de o sr. enfermeiro ter ficado entupido com ella até esta data, pôde o pobre do Rosalino quasi á beira da sepultura saborear as deli-cias do bife, que a sorte adversa lhe recusara durante a vida.

L. F. MARRECAS FERNEIRA.

O ROMANCE DE JULIA

Dos ultimos chocalhos do rebanho,
Que ás trindades recolhe de pastar,
Escuta-se ainda ao longe o som roufenho,
Como vozes de freiras a rezar.

Por sob a espessa ramaria umbrosa,
Onde as aves se deitam com amor,
Na sombria azinhaga tortuosa,
Entre macissos de congressa em flôr,

Onde perpassa em ondas docemente
Das violetas o subtil mysterio,
Caminha o santo abbade lentamente
Regressando cançado ao presbyterio.

Das trindades o som teimoso e brando
Pelas varzeas eccôa e nas campinas;
Subito pára o velho murmurando
As orações piedosas vespertinas.

E fica largo tempo concentrado...
N'isto lhe chega na indiscreta aragem
Petulante, sonoro e prolongado,
O chilrear d'um beijo entre a folhagem.

Fugindo sae então da moita espessa
Um vulto branco, a passos tão ligeiros,
Que por pouco não via que a travessa
Era a morena Julia dos Ulmeiros.

Sorri-se docemente o santo abbade,
E na memoria um bato lhe passou
Da saudosa remota mocidade,
Sonho d'amor que cedo se acabou...

Conde de Sabugosa.

CINTRA



Aspecto geral

Uma "soirée" memorável

Em casa do dr. Alfredo da Cunha

Nessa noite, numa das mais artisticas salas d'essa casa, dizia a quem escreve estas linhas um diplomata-jornalista: «Porque será que lá fóra se não faz isto? Grandes festas, festas da mais requintada elegancia, representações em que tomam parte artistas em voga, a que assistem príncipes e embaixadores, sim. Mas com este *cachet* familiar, com este tom ao mesmo tempo fino, distincto, elegante e intimo, nunca vi».



Dr. Alfredo da Cunha

Para a *soirée* realizada no dia 2 de março, em casa do director do *Diario de Noticias* e por iniciativa de sua esposa, não ha elogio nem maior nem mais justo. Nesse velho palacio, de que o mais apurado bom gosto fizera uma formosa e encantadora residencia,

congregavam-se nessa noite todos os elementos que deviam torná-la inolvidavel. Uma atmospherá de arte envolvia todos os que haviam respondido com a sua presença ao gentilissimo convite dos donos da casa. O mobiliario antigo, os *bibelots* raros, os azulejos preciosos, as telas dos melhores pintores nacionaes, a disposição das salas, a decoração de todas ellas, o palco improvisado, as comedias que iam ser representadas, os quadros vivos que iam ser exhibidos, tudo isto fazia ver aos centenaes de pessoas reunidas e escolhidas entre a melhor sociedade de Lisboa que se estava ali dentro sob o dominio da Arte e que eram dois artistas de raça que estavam presidindo a uma alta festa artistica.

A ávida curiosidade dos convidados breve co-

meçou a ser satisfeita, e quando o panno do elegante theatrinho descia sobre o ultimo numero do programma estava fartamente excedida a espectativa de todos. E' que os amadores dir-se-iam profissionaes, é que pareciam artistas e artistas consagrados os que para o exito obtido contribuíram com o contingente das suas aptidões e do seu valor. Por mais de uma vez tivémos todos a illusão de que no palco de um theatro publico se estava representando a valer, e que eram os primeiros artistas da companhia que estavam em scena!

Quereríamos especialisá-los, dizer e frisar o valor de cada um, mas é tal o receio de ser deficiente a apreciação, que nos limitamos a umas notas rapidas.

Et par droit de naissance et par droit de conquête dois nomes teem de destacar-se no primeiro plano. Os nomes de duas se-

nhoras que o Destino mysterioso sagrou artistas, e que nas mais variadas manifestações de talento podem fazer inveja a muitos que da arte são obrigados a fazer uma profissão. São os nomes sr.^{as} D. Maria Adelaide Coelho da Cunha e D. Maria Emilia Macieira Lino.

A primeira, gentilissima dona da casa, a quem os encantos d'essa adoravel festa são devidos, dá uma tão viva intenção á phrase e ao gesto, tanto á vontade está em scena, tão nitida comprehensão revela do seu papel, diz com tanta graça, representa com tamanha naturalidade, sóbria sem roçar pela monotonia, ingénua sem pretensão, comica sem exaggero, não sabindo nunca da personagem que interpreta, dispoendo sempre de uma dieção vibrante, clara, que a todas as *nuances* da figura admiravelmente se affeição, é, sem duvida, uma artista de raça. O sólo de violino, o estudante de Coimbra e a



A sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha



A sr. D. Maria Emilia Macieira Lino
no Sólo de Violino



O Juizo de Páris — (Comedia em verso de Alfredo da Cunha)

Da esquerda para a direita: D. Alda dos Santos Lino (*Laura*); Fernando Manuel da Motta Cardoso (*creado*); D. Maria Adelaide Coelho da Cunha (*Maria*); D. Maria Emilia Macieira Lino (*condessa*); José Eduardo Coelho da Cunha (*visconde*)

Maria, do *Juizo de Páris*, são tres papeis de prova, são a confirmação de um valor especial, de uma rara aptidão, que os espectadores mais exigentes sublinharam com calorosos e justissimos applausos.



A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino
no papel de condessa
da comedia *Juizo de Páris*

A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino confirmou a admiração já anteriormente votada ás suas multipas aptidões. Não ha difficuldades que não vença, manifestação de talento em que se não revele. Ella foi a adoravel condessa do *Juizo de Páris*, ella representou com brilho o seu papel do *Quatorzième convive*, ella foi a graciososa *soubrette* da mimica *O antiquario*, ella por fim, teve as horas da *Serenata em Coimbra*, em que mostrou que corre parêlhas com o seu talento de actriz o seu talento de cantora.

Nas duas comedias citadas, a sr.ª D. Alda dos Santos Lino representou com muito encanto e grande correção, e no *Antiquario*, nunca mais sairá da nossa retina e da nossa memoria aquelle delicioso retrato Watteau, aquella scena encantadora da sedução, que lhe valeu uma ovação phrenetica.

Pelas gravuras que publicamos, quem não teve a dita de assistir a essa festa, fará uma pallida ideia do que foi a representação das comedias, das scenas comicas e da mimica, vendo as figuras que nellas tomaram parte, e principalmente no *Antiquario*, que foi um numero *réussi*, de uma graça infinita, de uma finura requintada: numero deveras sensacional.



José Eduardo Coelho da Cunha
no papel de visconde
da comedia *Juizo de Páris*

Os retratos desempenhados pelas sr.ª D. Esther e D. Olga Buzaglio e pela sr.ª D. Laura de Freitas Branco Sasseti, a *soubrette*, feita pela sr.ª D. Maria Lino, o antiquario pelo sr. Raul Lino, que foi o ensaiador e encenador primoroso de todo o quadro, a visitante amadora, pela sr.ª D. Christina Daken dos Santos, e a estatua que o sr. José Eduardo Coelho da Cunha admiravelmente reproduziu, tiveram um exito absoluto.

Os monologos primorosamente feitos por Eduardo Coelho, e pela sr.ª D. Maria Antonia Diniz, o soberbo desempenho de Eduardo Coelho e José Lino na comedia *Quatorzième convive*, o trabalho magnifico do sr. José Eduardo Coelho da Cunha no papel de Visconde, no *Juizo de Páris*, e essa formosissima *Serenata* com que o espectáculo fechou, foram outros tantos attractivos e encantos que deram

realce a essa *soirée* por todos os titulos memoravel. E seria imperdoavel ommissão o não accentuarmos neste logar que o encanto supremo consistiu na audição dos versos de Alfredo da Cunha, de que hoje damos um trecho, versos que pela graciosidade, pelo rythmo, pela observação, e pela arte, provam á maravilha que o poeta sobreviveu triumphante a todos os labores, a todas as preoccupações, da vida prosaica do jornalista. Seria justo fixar aqui, se o espaço no-lo permitisse, os nomes de quantos contribuíram para o brilhante resultado. Os academicos de Coimbra que tomaram parte na serenata, o sr. dr. Ferreira Cardoso que com a sua flauta privilegiada a abrihantou, e o sr. Emygdio da Silva que ornamentou artisticamente o theatro e as salas, em larga escala contribuíram para esse exito.



A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino
no papel de condessa
da comedia *Juizo de Páris*



Serenata em Coimbra

Da esquerda para a direita: no 1.º plano, os srs. João Sasseti, Luia Folque, Antonio Felix da Costa, Antonio Horta e Costa e José Thomas Coelho.
No 2.º plano, as sr.ª D. Leonor Rivára, D. Cecilia da Terra Vianna, D. Adelina Guimarães, D. Laura Sasseti, D. Maria Luiza da Costa Neves, D. Maria Emilia Macieira Lino, D. Octavia Sasseti e D. Marianna Cardoso de Castilho.
No 3.º plano, as sr.ª D. Alda dos Santos Lino, D. Maria Antonia Diniz, D. Alice Rivára, D. Alice da Terra Vianna, D. Cecilia Rivára, D. Maria das Dores Cardoso de Castilho e D. Christina Dechen dos Santos.
No 4.º plano, os sr. Caetano da Costa de Macedo, Antonio Caldeira Coelho, Rodrigo Franco Affonso, Jayme Mikaleff Santos, Frederico Navarro Hogan, Leopoldo de Oliveira Pires e Dr. Manuel da Motta Cardoso.

Juizo de Paris

COMEDIA DE ALFREDO DA CUNHA

(Excerpto da scena VII)

CONDESSA

Sabem que adoro o ruído, a confusão, a bulha:
Em mim o coração é como o resto — um grulha!
Sou mulher dos extremos...

MARIA

Lá isso bem se vê!

LAURA

Isso bem o sabemos!

CONDESSA

A existencia em mim não pode nunca ser
Um quadro morto, inerte, um cliché de photographo;
Mas um caleidoscopo ou um animatographo
A mudar e a mexer...
Levo a vida a galope! Abomino o equilibrio
A não ser no trapezio... Oh! foi para essas vidas
Como a tua (*para Maria*) que alguem os pesos e as medidas
Inventou, e que foi feito o systema metrico.

(*Examinando os moveis da sala*)

Tudo aqui é symetrico,
Pautado, regular, como a collocação
D'estes paineis que tens pelas paredes. Não!
Oh! faz hypocondria
Toda esta arrumação, toda esta symetria.

MARIA

Não digas cousas d'essas!

CONDESSA (*virando um quadro ao contrario*)

Porque é que tu não pões este quadro ás avessas?
A pintura é a mesma e tem muita mais graça,
E' mais original...

MARIA (*levantando-se e repondo o quadro como estava*)

E's a minha desgraça!

CONDESSA

Viver assim é peor que o supplicio do potro.
Estes quadros aqui... um ao lado do outro...
Como uma patrulha!
Não gostas de ouvir fora a algazarra, a bulha?

MARIA

Eu tenho sempre em casa os estores cerrados.



A sr.ª D. Alda dos Santos Lino
Retrato Watteau da mimica *O Antiquario*

CONDESSA

E eu abro-os dos dois lados!

VISCONDE

Oh! tem razão, Condessa!
(*abrindo a janella*) Vou abrir a janella. E não mo agradeça,
Porque eu tambem morria
De calor, de asphixia!



O Antiquario — (Mimica em 1 acto)

Da esquerda para a direita: — José Coelho da Cunha (*a estatua*); D. Esther Buzaglo e D. Olga Buzaglo (*retratos*); D. Maria Emilia Macieira Lino (*soubrette*); D. Laura de Freitas Branco Sassetti (*retrato*); D. Christina Decken dos Santos (*visitante amadora*); D. Alda dos Santos Lino (*grande quadro Watteau*); Raul Lino (*o Antiquario*)

MARIA

Queira estar socegado!
Não pode interromper-nos. Quietos e calados!

CONDESSA

E estes moveis assim, em linha, perfilados,
Como pobres soldados
Em formatura? Oh! Ceus! Em minha casa então
Que desordem geral! Que geral confusão!
Ha vestidos até no salão de visitas,
E é commum encontrar rendas, plumas, fitas
Nas cadeiras, no chão ou sobre uma *étagère*
Fazendo as vezes bem dum *bibélet* qualquer.
Vivo num céu aberto:
Nada no seu logar, nada num sitio certo!
Nunca tenho um relógio a andar pelo balão:
Os meus todos estão
Adiantados de mais ou com enorme atraso.
Certo, certo, nem um!

MARIA

Dá-se por isso o caso
De não chegares nunca á hora a qualquer parte.

CONDESSA

A culpa não é minha; é d'elles só que parte!
Aqui, desde a creada ao *groom* e ao cosinheiro,
Parece cada qual movendo-se o ponteiro
D'um chronometro. Horror!

LAURA

Relógios são objectos
Que não posso. São uns tyrannos abjectos
Que tem a pretensão de nos trazer a vida
Ao seu sabor medida,
Com uma exactidão de contas mathematica.
Na existencia o melhor é a parte enigmatica
E imprevisita que tem. Enleiamos a vontade,
O desejo, a ansiedade,
No isócrono tic-tac d'um chronometro vil,
Pôr as nossas acções na obediencia servil
De uns miseros ponteiros!...
E' viver ainda peor do que os vermes rasteiros,
Como se o horisonte aberto á existencia
Todo se limitasse á estreita circumferencia
D'um simples mostrador com as horas pintadas.
Tal não é para mim: eu deixo isso ás creadas.
Quem só quer conhecer do tempo as horas suaves
Do recolher ao ninho ou do acordar das aves,
Porque só ellas tem a ternura, a poesia
De que é feito o meu dia,
Não precisa passar a vida no tormento
De a contar e medir momento por momento.
Sei como o tempo corre
Sem ouvir de hora a hora o badalar da torre,
E o tiro do balão;
Basta a poetica, a doce, a ideal contemplação
Do poente da tarde e do erguer do arrebol.

MARIA

O que, pois, te regula é o relógio do sol,
Em vez do *remontoir*?...
Isso era d'esperar!
Musa como és, só usas
O que usavam por lá, no seu Parnaso, as musas.

CONDESSA

Pois eu, se um dia acaso
Habitasse o Parnaso,
Em vez de ser logar de poeticos outeiros
Entre musas gentis e faunos chocarreiros,
Transformaria logo essa chimera vã
Num Derby, num Longchamps!
Eu montaria em pello o Pegaso fogoso,
E havia de tornal-o o animal glorioso
Que soube ser outr'ora,
Elle que lembra agora
Das musas ao serviço em que esbafado anda,
Não já corcel de heroes, mas burro da Outra Banda.

LAURA

Essa imaginação anda sempre revolta!

MARIA

E' fugir d'ella em tendo a phantasia á solta!

Alfredo da Cunha.

Como se tiram as nodoas da cera

A melhor maneira de tirar esta especie de nodoas consiste em molhar a parte manchada com um pouco de espirito de vinho, ou mesmo aguardente bastante forte, e esfregá-la depois. A cera desfaz-se immediatamente, e a nodoa desaparece.

As nodoas de cera em veludo de qualquer côr que seja, exceptuado o carmezim, tiram-se com uma fatia de pão bem torrada e bem quente, a qual se applica sobre a cera uma e outra vez até absorve-la toda.

Utilização dos pedaços de jornaes

Em dia frio ou ventoso, o papel abriga muito o corpo usando-o por baixo do colete.

Envolvendo com pedaços de papel as garrafas de vidro, o liquido que estas contemham conservar-se-ha fresco.

Embrulhando n'elles o fato, as cortinas, etc., esses objectos conservam-se quasi indifinidamente, pois que o cheiro da tinta de impressão afugenta os insectos.



Um aspecto da cidade de Tavira



RESPOSTAS

Ludovina.— Não é tão facil como á primeira vista parece! E o melhor é estar sempre de sobre aviso— Para se enganar menos!

Gloria.— Algarve.— Póde v. ex.^a mandar quando quizer. Achei lindo isto.

Helena.— Talvez não! O pensamento ás vezes é o nosso peor inimigo.

Guida.— Sempre! Póde estar certa de que consegue o que deseja.

Al—I—J.— Ninguem póde nada n'este mundo. De uma hora para a outra se perde a propria vida! Inquietar-se assim é um prejuizo sério para a vida de v. ex.^a. Tanto mais que as cousas nem sempre são tão más como as pintam.

Geneveva.— Em Lisboa não ha— Só em Paris.

Anna B.— Os corações não se vëem.

Peça v. ex.^a a Nosso Senhor o seu amparo. E' um caso muito serio o seu!

Delmira.— Antes é que v. ex.^a deve vër as cousas bem!— Depois não ha remedio.

Julieta.— Acho lindissimo o projecto— Póde v. ex.^a executar-o com toda a confiança.

Maria.— Porto.— Não, minha senhora. E' do peor gosto. Uma senhora nova deve ceder sempre o logar a uma senhora de idade!— E nunca lhe falar sentada. Quando v. ex.^a quizer mandarei a lista dos livros.— Preciso porém a direcção.

Luiz.— Nem tudo o que luz é ouro!

Benedicta.— E' perigoso e inutil o processo— creia v. ex.^a que não vence nada assim!

Jayme.— Quem não crê em Deus anda *ás escuras!* E não tem resignação para soffrer a vida!

Agradeço-lhe muito as suas palavras.

Ignez.— A belleza nem sempre dá felicidade.— Pense v. ex.^a no seu espirito; illumine-o bem e verá que se sente feliz.— A bondade faz lindas as pessoas mais destituidas de belleza— Tanto mais, quando, como v. ex.^a, não tem agora essas razões de queixa— Tudo é relativo n'este mundo!

Carolina.— Os bordados em tulle são lindos e usam-se immenso — Em qualquer casa de modas encontra v. ex.^a quem pague bem o seu trabalho. O principal é v. ex.^a despreoccupar-se *d'essa ideia*— Creia que todas as pessoas sérias hão de respitar tal orientação de vida. Humilhante e triste é receber esmola podendo trabalhar.

Clorinda.— Elvas.— Agradeço muito o interesse com que v. ex.^a trabalha pelo *meu jornal*.— Estou certa de que todas as minhas amigas desejam conservá-lo e farei a diligencia de lhes ser a todas quanto possível agradável.— Remetto as listas para a assignatura.

Hensel.— Mais .. *c'est sur .. vous pouvez l'envoyer tout de suite.*

Mafalda.— Para o tratamento das rugas a massagem é o unico remedio, se bem que a idade não se póde disfarçar *com vantagem*. A quêda é infinitamente maior para quem não se deixa ir lentamente e dôcemente resvalando... Creia v. ex.^a isto, que, como amiga, lhe digo. Essas bellezas de que me fala não resistem á analyse. E se a muitas pessoas, certos artificios causam riso, a outras . . . fazem pena! . . .

D. Maria do Ó.— Remedios para fazer nascer o cabelo ha muitos; mas de confiança conheço apenas o *oleo de ricino* e *oleo da matta* (d'aroeira) cem grammas de cada um, juntam-se em um frasco com uns pingos d'essencia fina — agita-se o frasco e com as pontas dos dedos, esfrega-se a cabeça muito bem, sem sujar o cabelo. Não havendo doença o cabelo nasce e cresce em pouco tempo — e até segura. E' tambem conveniente de vez em quando molhar o pente em agua de sublimado a *um por mil*.

Celestina Rosa.— Brasil.— Em v. ex.^a passando aqui uns mezes gosta de cá estar. Compreendendo o amor pela sua terra e a saudade; mas póde ser que, mais dia menos dia, possa voltar para lá.

Sobre o buço já este anno vi um remedio optimo, na mão de uma senhora estrangeira.— Desfazia-se em agua, applicava-se, e em

cinco minutos, sem incommodo algum, lavava-se a cara e ficava-se com a pelle lisa.

Pretendiam vender o segredo e a propriedade em Portugal; mas não sei se o conseguiram. N'este momento não posso dizer a v. ex.^a onde se póde procurar. O effeito *sei* ser maravilhoso.

Castello Branco.— I. L.— Sim, minha senhora, quando v. ex.^a quizer.

A encomenda póde v. ex.^a fazer directamente. — O que posso garantir é a perfeição das flores.

A. B.— Prefiro a photographia. E' mais exacta. Mande v. ex.^a o que entender.

Elsa.— Acho difficilimo e de grave confronto. Entretanto v. ex.^a procurará em opinião mais auctorizada o caminho a seguir.

Is. S. L.— O ciume obriga a muito; e v. ex.^a deve desculpar — A creatura não sente nada do que diz

E aqui para nós teve talvez razão; invërta v. ex.^a os papeis — E' preciso cuidado, sobretudo quando se póde melindrar uma alma fina e séria que . . . chegando a desencantar-se . . . é de vez!

Mag.— Deve ter recebido. Seguiu hontem.

O livro a que v. ex.^a se refere está muito bem feito. O catalogo mandarei depois.

Bertinha.— Usa-se sim, minha senhora — E póde aproveitar esse trabalho todo — A seda azul sobre o tulle dourado fica muito bem. A saia póde ser de seda mas muito flexivel — As sedas fortes estão banidas *n'este momento*. O que não quer dizer que no proximo inverno se não usem novamente — Acho preferivel guardar v. ex.^a o côrte.

As luvas crêmes.

Baby.— E' possivel. E vou procurar, mas acho preferivel os vestidos de lavar. O melhor é v. ex.^a deixá-lo desenvolver e não o sacrificar ás modas nem lhe ensinar *por enquanto* nada.

Tem tempo!

LUIZA.

CONVERSANDO:

Minhas queridas amigas, uma das coisas a que nós devemos, instantemente, applicar a nossa actividade, é incutir no animo dos nossos filhos, dos nossos creados, de todas as pessoas da nossa amizade com quem mais ou menos possamos falar, o amor pela nossa terra, pelas nossas coisas, pela nossa patria! Crear, cada um na sua terra, no meio onde foi creado, uma influencia de bondade tal, que, apesar de todas as más vontades — sempre as houve e ha de haver, para tudo o que fôr bom! — todos se vejam obrigados a sentir-se da sua influencia! — Pôr-lhes em relevo o *bom*, attenuar-lhes o mau. Afastar dos espiritos a ideia, falsissima, do valor do *lá fóra* — mostrar-lhes bem que, o *lá fóra* é simplesmente filho das pessoas, da terra, do esforço commum, do patriotismo de todos!

Não ha parte nenhuma onde melhor do que aqui, se possa viver e estar! Não ha melhor clima no mundo; isto de uma ponta á outra do paiz.

Não ha maiores fontes de riqueza. Ir *lá fóra*, vër o que em toda a parte ha de melhor, e trazer, *de lá*, o gosto de fazer o mesmo que alli nos encantou.— Ensinar aos que não viram, influir-os a imitar *só o que é bom*, seria de uma utilidade de tal ordem que eu não tenho palavras com que possa explical-o ás minhas amigas!— Ainda ha poucos dias um estrangeiro disse á minha vista: "O que fariamós nós se esta linda terra fosse nossa? Seria um *Paraiso!*"

E acrescentou ainda: Com tantas fontes de riqueza!
Cháhu-me no coração aquella phrase!
E pensei logo em pedir ás minhas amigas um bocadinho de attenção para isto. Unamo nos todas! — Afastemos de nós a ideia de *ter dinheiro* e de *gastar dinheiro*. Afastemos quanto possamos afastar . . .

O habito de: *casar rico* ou *casar rica* sem olhar *com quem* é de uma depressão moral que faz córar!

Casa rico ou *pobre* como acontecer; mas *com quem te entendas!* E, sobre tudo, primeiro do que tudo, *sabendo ganhar a vida!*

Homem e mulher ganhar a vida no paiz. E aproveitando, quem tiver propriedades, o seu talento a fazel-as render, o seu talento a ajudar os seus *auxiliares!* Fazel-os *crear amor* ao dono e *ás coisas!* fazer como tanta gente antiga quasi sem instrucção nenhuma litteraria, na maior parte sabia fazer.

Isto seria para todos nós de um alcance unico! Tudo depreciado *por ser nosso!* Tudo *abandonado*, e prosperando *só*, quando o *estrangeiro* entra com os seus capitães, adquiridos muitas vezes com o nosso desleixo! Não ha amor da nossa patria, não ha nada! — E d'aqui a perder-se o amor da familia e o conhecimento sério da lingua, vae um passo!

E nós somos portuguezas! — Levantemos a cabeça para impôr o nome da nossa patria!

Para não succeder como ha poucos dias ouvi dizer a uma illustre patricia nossa:

— "Lá fóra falam de tal modo em Portugal que uma pessoa quasi tem vergonha . . . de ser portugueza."

LUIZA.



Dr. José Maria Barbosa de Magalhães

r a 18 de março de 1910

Pelo seu caracter, pelo talento e pelo saber, o dr. José Maria Barbosa de Magalhães foi sempre no nosso meio uma das individualidades de maior destaque.

Nascido em Aveiro em 26 de outubro de 1855, obteve a sua formatura em direito a 8 de julho de 1879, contando apenas 24 annos de idade, e tendo obtido as primeiras classificações em todas as aulas.

Depois foi successivamente administrador substituto de Aveiro, procurador á Junta Geral d'este districto e presidente da commissão executiva da mesma Junta, juiz de direito, professor do lyceu de Aveiro, governador civil interino d'este districto, deputado em varias legislaturas por Ovar, Oliveira de Azemeis e Pinhel, chefe da 1.ª repartição da Direcção Geral do Ultramar, sub-director da Direcção Geral dos Negocios da Justiça, tendo publicado tambem durante a sua brilhante carreira varios livros e folhetos sobre questões de jurisprudencia alem de muitos artigos sobre o assumpto em jornaes da especialidade.

Como jornalista Barbosa de Magalhães foi redactor do Direito, de Vizeu, do Progressista, de Coimbra, do Campeão das Provincias, de Aveiro, e do Correio da Tarde, de Lisboa.

Tudo isto afinal pouco diz acerca do que foi a brilhante individualidade do illustre extinto, porque não basta para a avaliar saber o que elle foi, mas conhecer a maneira como exerceu todos os seus cargos, a sua vida de estudante, o muito que luctou para concluir a sua formatura, a sua brilhantissima estreia como parlamentar, o alto valor das suas obras juridicas e tantos outros factos que fazem com que a sua morte seja sentidissima, constituindo uma verdadeira perda.

O Brasil-Portugal envia a expressão da sua maior condolencia á familia do illustre extinto.



Mario de Almeida

“Dó sustenido”

Como dissémos na penultima chronica theatral, estreiou-se ultimamente no theatro de D. Maria II num *lever de rideau*, *Dó sustenido*, o sr. Mario de Almeida.

Do merito do pequeno acto dissémos então com sinceridade o que pensavamos, para que nos dispensemos agora de outras referencias. Os leitores que apreciem a pequena obra pela transcripção, que segue, de uma das mais interessantes passagens do lindo dialogo de Beethoven e Julietta Guicciardi:

BEETHOVEN

Difficil esquecer... Difficil não pensar...

JULIETTA

Escute-me, Luiz... Fui ingrata, inconstante...
Deixei-o todo entregue á dôr mais cruciante
Que jamais confrangeu a alma d'um poeta.
Tornei o um solitario, um triste e um asceta...
Rasguei lhe o coração, eu sei... eu bem o sinto!
Não cré no que lhe digo? Amava-o. Eu não minto;
Amava-o... Mas pensei no que seria a vida
Para qualquer de nós... Se me achasse envolvida
No seu viver d'artista, em que se tornaria
O meu, o nosso amor?! Quem sabe? Acabaria...
Soffremos bem os dois... soffremos... Mas ao menos
Formámos na nossa alma um canto, onde serenos
Iremos procurar nas horas d'amargura
Uma recordação illuminada e pura.
Neste livro de dôr que é toda a nossa vida
Ha uma folha alegre, occulta e já sumida
P'ra os outros, não p'ra nós... Uma folha! a primeira,
Resgata n'um sorriso a nossa vida inteira!
Resta nos do passado uma saudade doce...
Vamos vivendo d'ella... Oh! Deus, se assim não fosse
Que seria de nós! Teremos por alento
O fogo que brilhou apenas um momento
Nos nossos corações... — Estou velha, Luiz;
Conheço bem o mal que n'outros tempos fiz...
Pouco posso viver... Quero levar comigo
O seu perdão...

BEETHOVEN

O meu perdão!

JULIETTA, curvando a cabeça

O meu castigo.

BEETHOVEN, docemente

Perdão-lhe, Julietta. É tão bom perdoar!
Quem passa a vida só, quem sabe o que é chorar,
Não recusa um perdão... Perdão. Fique em paz...

JULIETTA

Obrigada, Luiz... Eu sei que era capaz
D'um rasgo generoso... E vê?... Eu não podia
Morrer, sem ter-lhe ouvido essa palavra... Q'ria,
Se m'o permite...

Tenta beijar-lhe a mão

BEETHOVEN

Oh! não.

JULIETTA

Beijar...

BEETHOVEN

Não...

JULIETTA

Meu amigo!..

BEETHOVEN, para si

Como é possível — Deus! — que em todo o fogo antigo
Sepulto em cinza vã, não haja lume ainda!
Oh! que saudade immensa, oh, que saudade infinda!

JULIETTA

Foi Deus que me guiou á sua solidão...
Trago-lhe uma saudade em paga d'um perdão.

BEETHOVEN

Deixou em mim um sonho, — encontra uma ruina...

JULIETTA

Fui hontem a Kernhaut chamada por Bettina...

BEETHOVEN, n'uma saudade alegre

Bettina!... Ha tanto tempo! Alegre, nossa amiga...
Eu nunca vira assim tão linda rapariga!
Era um encanto!

Tristemente

Ah! Mocidade! Mocidade!
Tudo isso se desfez em névoas de saudade...
Que será feito d'ella e que destino o seu?
Talvez seja feliz... Talvez!

JULIETTA, *gravemente*

Morreu...

BEETHOVEN, *suffocado*

Morreu?

(*Silencio. Com uma lagrima n'um grande grito egoista*):

Como é triste viver e ir ficando só!

JULIETTA

Quando cheguei, eu tive uma impressão de dó...
Não tinha mais ninguém á sua cabeceira!
Sorriu, reconheceu-me... Assim, desta maneira
Passámos largo tempo... Emfim, quasi á noitinha
Chama-me com o olhar, a vida que inda tinha,
E diz-me, na agonia, em sons que mal se ouvem:
— «Dá-lhe um abraço meu...» — «Mas a quem?» —
— «A Beethoven.»

N'um soluço

Não queria vir só, mas Deus não quiz decerto
Que eu commettesse um crime e trouxe-me aqui perto
Para lhe transmittir o derradeiro abraço...

BEETHOVEN

Perdeu-se uma illusão... Quebrou se mais um laço!
Eu vou ficando só — sózinho —... Os meus amigos
São tumulos sem hera, occultos e antigos...
Não lhes cresce na cova a flôr d'uma saudade.
Quando quizer chorar, recordar á vontade,
Vou-me encostar á morte a vêr se me dá vida...

JULIETTA

Cada dia que passa é uma illusão perdida...

BEETHOVEN

Uma dôr... outra dôr... desfaz-se mais um nó...

Pausa

Como é triste viver e ir ficando só!
Sem ter ninguém... ninguém!

MARIO D'ALMEIDA.

THEATROS

D. Maria, Maria da Graça, peça em 3 actos, original de Urbano Rodrigues e Victor Mendes. — **Gymnasio, A Ciumenta**, comedia em 3 actos, de Bisson, traducção livre de Leopoldo de Carvalho. — **Paralzo de Lisboa, No Cometa**. revista em 3 actos e 12 quadros, de Baptista Diniz, musica de Hugo Vidal. — **Trindade — Colyseu dos Recreios e Avenida**.

Pretenderam os auctores da *Maria da Graça* dar-nos uma peça de costumes regionaes, fazendo desenvolver a sua acção n'uma terriola do nosso Alemtejo. Embora a estreia não fôsse, como vulgarmente se diz, *auspiciosa*, leva-nos comtudo a crer que os noveis escriptores, em futuros trabalhos, nos darão obra de mais vulto, pois mostraram possuir qualidades para o genero. O assumpto, comquanto não seja novo,

O primeiro acto é, a nosso ver, o mais bem delineado. Muito movimentado, dando-nos bem a impressão de uma noite de Natal na provincia. O segundo, um tanto fraco, tem comtudo uma scena final empolgante. E o terceiro consegue sempre interessar o espectador, o que é para a peça vantagem primacial. O desempenho foi excellente, não ha duvida, dos melhores que tem



Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — *Henriqueta Accena*
Meio soprano



Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — *Maria Darius*
Soprano dramático

está, por vezes, bem tratado e prende o espectador. As individualidades estão bem marcadas, com um sabôr de linguagem apropriado, que lhes dá o pittoresco preciso, e conseguem tocar o sentimentalismo sem cahirem no ridiculo. Uma virtude porém, tiveram os auctores, e grande, e muito para louvar: fugir ás influencias do theatro francez — ao contrario do que faz a môr parte dos nossos dramaturgos que não fazem viver em scena typos nossos, que se não inspiram no que de melhor tem, no genero, o theatro portuguez.

apresentado nos ultimos tempos o theatro de **D. Maria**. Ignacio teve uma excellente criação n'um typo de provinciano, — homem honesto, de probidade inexcedivel, — exteriorizando bem a personagem e detalhando-a com mestria. Joaquim Costa engraçadissimo sem exageros, foi de uma grande correccção, assim como Carlos Santos, n'um papel intensamente dramático, Pinto Costa, n'um bom padre, e Christiano, n'um sacerdote desconfiado. Na parte feminina tem o primeiro logar Lucinda Simões, que foi a grande actriz de sempre. Depois merecem referencias



Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Dolores Grau
Soprano

Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Paulina Albertini
Soprano

especies Machado e Jesuina Motilli, aquella na *Maria da Graça*, que admiravelmente comprehendeu e interpretou.

O scenario todo novo, apropriado, e a encenação excellente, como não podia deixar de ser, tendo a dirigil-a Augusto de Mello.

— O **Gymnasio**, no dia da festa do ensaiador Leopoldo de Carvalho, deu-nos em *reprise* a comedia *Ciumenta*, que, volvidos dez annos,

fin, um modelo no genero, e que a empreza do **Gymnasio** bem aviadada andou em pôr novamente em scena.

No desempenho teve as honras da noite o actor Cardoso, que representou com a mesma graça de ha dez annos, sem um unico desfallecimento, o seu difficil papel, de que fez uma verdadeira criação, fazendo rir os espectadores constantemente. Telmo representou tambem com



Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Giuseppe Mauro
Tenor

Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Francesco Molina
Barytono

conseguiu novamente o agrado unanime do publico. Esta peça tem todas as qualidades que para aquelle theatro a recommendam, sem, contudo, descer, ás situações disparatadas, nem aos *trucs* velhos, ou, ainda, ao dito fresco. A graça é natural, a acção desenvolve-se sem esforço, deslisando graciosamente, sem grandes complicações de enredo: é, em-

acerto a sua parte, assim como Maria del Carmen, Judith, Rosa de Andrade, Albuquerque e Monteiro. A peça muito bem marcada, sendo chamado nos finais d'acto, repetidas vezes, Leopoldo de Carvalho, calorosamente festejado por toda a sala.

Abriu de novo as suas portas o **Paraizo de Lisboa** com uma



Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Eurico de Gueri
Barytono

Colyseu dos Recreios

COMPANHIA DE OPERA ITALIANA — Conrado Giral
Baixo

nova revista de Baptista Diniz intitulada *No Cometa*, que é feita de molde a agradar ás platéas populares, explorando o fadinho e a canção popular, genero predilecto do publico amador de revistas. A nova produção do applaudido revisteiro é salpicada de graça, conseguindo, por completo, o fim que o auctor visou. Os espectadores não teem regateado applausos, para o que muito contribue, além da musica excellente que se espalha por aquelles tres actos, o desempenho, que é muito regular, e em que se salientam Perpetua Viegas, Maria Portuzellos e Ivone, que são forçadas a bisar quasi todos os seus numeros de musica. O scenario muito bom e os côros afinados.

— Na **Trindade** a *Moira de Silves* e a *Viuva Alegre* cederam o seu logar a *S. A. R. o Principe Consorte*, de que no proximo numero nos occuparemos.

— Tem tido enchenes successivas com a companhia de opera italiana o **Colyseu dos Recreios**. Com geral agrado se fizeram ouvir até hoje *Aida*, *Boheme*, *Carmen*, *Ernani*, *Tosca*, *Baile de Mascaras*, *Cavallaria Rusticana* e *Palhaços* e brevemente teremos a *Gioconda*, o *Othello* e outras. N'estas paginas damos hoje os retratos das principaes figuras da companhia italiana do **Colyseu**.

— Uma companhia dirigida pelos actores Leopoldo Froes e Simões Coelho, que se propõe dar uns espectaculos pelas provincias, para o que ensaiou a *Viuva Alegre*, o *Sonho de Valsa* e a *Princesa dos dollars*, iniciou os seus espectaculos no **Avenida**, com a primeira d'aquellas peças; desempenho magnifico, em que é mister salientar a intelligente actriz Dolores Rentini, que é a estrella da companhia.

Ruy.

Os artistas do theatro D. Amelia vão ao Brasil



A *tournée*, ao Brasil, d'esta companhia, a mais completa que ha hoje em theatros portuguezes, representa o bom gosto, o *savoir faire*, o arrojo de uma empresa.

Agora sim, agora vae o Brasil ver de perto, em todo o seu encanto, na sua maxima perfeição, como se representa em Portugal.

Até hoje teem ido lá estrellas, sim, mas companhias deficientes. Ao lado dos grandes artistas teem ido ao Brasil mediocridades ou nullidades em maior numero... do que é permitido. De fórma que o Brasil fazia idéa do

talento, do valor, da arte d'este ou d'aquelle grande artista, mas do *ensemble*, em qualquer representação, tinha uma idéa ou fazia uma apreciação que deixava muito por baixo os nossos creditos de theatro.

D'esta vez conseguiu o visconde de S. Luiz Braga, empresario modelar, mandar ao Brasil um vasto e escolhido grupo de artistas, um variadissimo repertorio tanto nacional como estrangeiro, um director artistico como Augusto Rosa, um director de scena como Antonio Pinheiro, scenario, mobiliario, adereços e guarda-roupa, os mesmos que em Lisboa serviam para vestir e encenar as peças que lá vão agora ser exhibidas. E digam-nos se, depois d'isto, poderá alguém regatear encomios a uma empresa que para conseguir este *desideratum*, venceu obstaculos de toda a ordem! O primeiro a mandar o seu cartão de agradecimento ao visconde de S. Luiz Braga deve ser o sr. Consigliieri Pedroso, porque — não resta duvida — é este o maior serviço prestado até hoje ao accordo luso-brasileiro.

O elenco:

Actrizes — Angela Pinto, Barbara Volekart, Elvira Costa, Emilia Sarmiento, Jesuina Saraiva, Julia d'Assumpção, Julianna Santos, Leonor Faria, Luz Velloso, Margarida Gomes, Zulmira Ramos.

Actores — Alexandre Azevedo, Antonio Pinheiro, Antonio Sarmiento, Augusto Rosa, Carlos de Oliveira, Chaby Pinheiro, Francisco Senina, Henrique Alves, João Silva, José Ricardo, Lopo Pimentel, Manuel Pina, Raphael Marques.

Director de scena, Antonio Pinheiro; ponto, Candido Gualdino; contra-regra, Joaquim Pereira; aderecista, Carlos de Almeida; machi-

nista, Joaquim Santos; encarregada do guarda-roupa, Adelaide da Conceição.

O repertorio:

Peças originaes portuguezas: *Os Postiços*, 5 actos, *A Cruz da Es-mola*, 5 actos e *A Feira do Diabo*, 1 acto e 3 quadros, de Eduardo Schwalbach; *Santa Inquisição*, 4 actos e 1 quadro, *O que morreu de amor*, 4 actos e *Rosas de todo o anno*, 1 acto de Julio Dantas; *Chá das cinco*, 3 actos e *Vertigem*, 4 actos, de Augusto de Castro; *O Grande Cagliostro*, 4 actos, de Carlos Malheiro Dias; *O Camarim*, 1 acto, de Urbano Rodrigues e Victor Mendes; *Todo o mundo e ninguém*, trecho do auto da Lusitania, de Gil Vicente; *Salão Theouro Velho*, 1 acto e 3 quadros, de André Brun; *O Regente*, 5 actos, de Marcellino de Mesquita.

Peças estrangeiras: *O Leque*, 4 actos, de De Flers; *D. Cesar de Bazan*, 5 actos, de Dumanoir e Denmy; *O tio Milhões*, 5 actos, de Heube; *Casa em ordm*, 4 actos, de Arthur Pinero; *Direitos paternos*, 4 actos, de Guinon e Bouchinet; *O Ladrão*, 3 actos, de Bernstein; *Zazá*, 5 actos, de Berton e Simon; *Minha mulher noiva de outro*, 4 actos, de Gavault e Charvay; *Samsão*, 4 actos, de Bernstein; *O rei da Gafanha*, 4 actos, de Flers, Callaivet e Arène; *A Lagartixa*, 3 actos, de Feydeau; *A Rajada*, 3 actos, de Bernstein; *A Sacrificada*, 3 actos, de Devore; *Amor não dorme*, 4 actos, de Flers e Caivallet; *O canto do cygne*, 3 actos, de Duval e Roux; *Theodoro & C.*, 3 actos, de Nancey e Armont; *Raffles*, 4 actos, de Hornung e Presbey; *As duas madame Delouze*, 3 actos, de Gabriel Mourey; *O duello*, 3 actos, de Lavedan; *O verdadeiro rumo*, 3 actos, de Guiche e Gheusi; *O avô*, 5 actos, de Perez Galdós; *Primeira causa*, 5 actos, de Alex. Bisson; *Mão esquerda*, 3 actos, de Pierre Veber; *A melhor das mulheres*, 3 actos, de Bilhand e Hennequin; *A sociedade onde a gente se aborrece*, 3 actos, de Pailleron; *Ostres anabaptistas*, 4 actos, de Bisson e Berr e Turique; *O castello historico*, 3 actos, de Bisson e Turique; *A Transviada*, 3 actos, de Bernstein; *O segredo de Polichinillo*, 3 actos, de Pierre Wolff; *O Stradicarius*, 1 acto, de Max Maurey; *A sorte dos maridos*, 1 acto, de Flers e Caillavet; *Paus e espadas*, adaptação, de André Brun; *Inglez sem mestre*, traducção liberrima de André Brun, etc.

Damos hoje os retratos dos artistas do *D. Amelia*, que no dia 18 partem para o Rio de Janeiro.

A companhia portugueza do theatro D. Amelia



Angela Pinto



Jesuina Saraiva



Alfredo Santos

Representante da empresa do theatro D. Amelia na touradé ao Brasil



Barbara Volchart



Margarida Gomes



Luz Vellozo



Zulmira Ramos



Leonor Faria



Emilia Sarmiento



Julia d'Assumpção



Julianna Santos



Eleira Costa

A companhia portugueza do theatro D. Amelia



Augusto Rosa



José Ricardo



Antonio Pinheiro



Chaby Pinheiro



Carlos d'Oliveira



Henrique Alves



Alexandre d'Azevedo



Francisco Senna



Antonio Sarmiento



Raphael Marques



Manuel Pina



João Silva



Lopo Pimentel